

Elogio dos Garamantes

Mambrino Roseo

tradução e apresentação [\[1\]](#) De

Carlos Eduardo Ornelas Berriel (UNICAMP, Brasil)

ver [Nota Explicativa](#)

Citação: Carlos Eduardo Ornelas Berriel, "*Elogio dos Garamantes*, de Mambrino Roseo", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 3 (2005). ISSN 1645-958X. <<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.htm>>

No ano terceiro da monarquia dos Gregos, superado e morto o afamado rei Dario pelo grande Alexandre, parecendo-lhe pouco ter conquistado, deliberou pilhar a Índia, porque os corações soberbos, logo que conquistam aquilo que muito desejavam, inclinaram-se por estimá-lo pouco; e separados os exércitos e postos bons governadores em todos os reinos da Ásia, partiram para a Índia; e tendo jurado aos Deuses jamais por pés em terra que não fosse ou não se fizesse sua, todos os países, nos quais entrava, ia subjugando. E assim tomando e saqueando, lhe foi referido que da outra parte dos montes Risei habitavam alguns povos bárbaros, chamados Garamantes, os quais nem pelos Persas, nem pelos Medos, nem pelos Gregos, nem pelos Romanos foram jamais conquistados, e por esta razão ninguém se dispunha a contra eles guerrear, considerando que deles não se colheria triunfo algum ou utilidade, por não possuírem eles nem armas, nem riquezas. [\[2\]](#)

O grande Alexandre, o qual não somente em conquistar reinos era soberbo, mas amigo de ver coisas desconhecidas e nova gente, deliberou não apenas ordenar ver aqueles países, mas ainda ir ele em pessoa, e de si naquele lugar deixar alguma memória, como depois fez, que nos deixou alguns altares, como as colunas de Hércules em Gadi; e enviou adiante embaixadores para fazerem seus entendimentos, como vinha Alexandre e a eles narrassem as ferozes guerras por ele feitas e as cruéis batalhas, que haviam vencido, e como o potentíssimo rei Dario fora morto e que toda a Ásia era reduzida sob o seu império, e que todo país se lhe rendia sem impor qualquer resistência. Estas e outras muitas coisas lhes disseram os embaixadores, para impressioná-los, porque muitas vezes assustam mais as palavras dos homens animosos que as lanças dos homens vis.

Estes povos não só não se puseram em fuga, como não se perturbaram com esta embaixada, nem fizeram aparelho de guerra, nem pegaram armas, nem apresentaram resistência; e o que é mais, que da cidade donde estavam não se moveu qualquer pessoa, ninguém saiu de casa, nem a nenhum embaixador foi falado ou dada resposta alguma.

Narram verdadeiramente os historiadores grandes coisas destes Garamantes: que entre eles eram todas as coisas iguais; todos os homens andavam vestidos de uma única maneira; não herdava, nem possuía mais um que o outro; no comer não eram vorazes e eram no beber temperadíssimos; não haviam litígios entre eles; não suportavam homens ociosos; não tinham armas, porque não tinham inimigos; falavam poucas palavras e aquelas que diziam eram graves e plenas de verdade.

Ora, compreendido por Alexandre os costumes dos Garamantes e como aos seus embaixadores não responderiam, ele com mais presteza buscou encontrá-los, desejoso de vê-los e conversar. Chegado à presença deles, lhes pediu que, se entre eles houvessem homens sábios e dotados, viessem falar por escrito ou em palavras, porque era sim amigo de sábios este excelente príncipe, que a todos os reinos que pilhava restituía as coisas, exceto os sábios, que retinha para si. Narra dele Quinto Curzio, que muitas vezes dizia um príncipe bem empregar os dinheiros que despendia em conquistar um reino, para adquirir e obter e conservar consigo um sábio.

Ora, vindo à presença de Alexandre alguns Garamantes, um deles, mais velho, calando todos, disse estas palavras:

“É costume, Alexandre, entre Garamantes, falar-se poucas vezes um ao outro; e quase nunca falar aos forasteiros, especialmente se são sediciosos ou escandalosos, porque a língua do homem maligno não é senão trompa do coração apaixonado. Quando por nós foi entendido que tu nos virias com exército, determinamos não vir ao teu encontro e não falar-te, nem fazer-te resistência, nem olhar-te, porque é muito maior o asco que temos das honras e das riquezas que tu amas, que não é o amor que tu dedicas às honras e às riquezas que a nós causa desgosto. Te apraz que nós te vejamos, não te querendo ver; que te sirvamos, não querendo nós a ti servir, e que contra nossa vontade te falemos. Ora somos nós contentes de fazê-lo, contanto que sejas tu paciente em escutar-nos: que aquilo que diremos mais servirá de exemplo aos príncipes futuros, para que saibam que nós desprezamos aquele, que é claramente nosso, que é claramente de outros; que em correção da tua vida e do desordenado apetite de conquistar nosso país, uma só coisa te pergunto, Alexandre, a qual não sei se saberás responder, porque os corações soberbos sempre têm os juízos ofuscados; e sendo assim, que desejo de ti saber coisa sem juízo e razão por ti ordenada, não penso que saberás me dar a razão. Diga-me, de onde vens? Aonde vais? Que queres? Que pensas? Que desejas? Que procuras? E até a quantos reinos e províncias se estende o teu irracional e indeterminado apetite? Eu por mim penso, que tu mesmo não saibas aquilo que procuras, porque o coração ambicioso ele mesmo não sabe com que a si mesmo satisfazer. Sendo tu ambicioso, engana-te a honra; por seres pródigo, engana-te o desejo; por seres jovem, engana-te a ignorância; e por seres soberbo, engana-te o mundo; de modo, que seguis as pessoas e não seguis a razão, seguis a maldade própria e deixas o bom conselho dos outros; amas os adutores, que dizem aquilo que tu queres e encarceras os sábios que te advertiram daquilo, que tu deves, sendo o natural patrimônio dos príncipes tolos querer ser antes louvados com mentiras que repreendidos com verdade.

“Parece-me ver o teu conceito, Alexandre, que os Deuses darão fim à tua vida antes que tu ponhas termo à tua guerra; pois que o homem alterado em inquietude, a tua inquietude é estar inquieto. Vejo-te circundado de exércitos, vejo-te carregado por tiranos a roubar os templos e sem utilidade gastar os teus tesouros. Vejo-te matar os inocentes e inquietar os pacíficos. Vejo-te inimizado com todos e a privar-te de amigos. Ora, a estes horrendos infortúnios é impossível que tu lhes dure ou possa suportar, se não ou porque sois louco ou porque os Deuses te lhe dão por castigo; pois muitas vezes permitem os Deuses por qualquer horrendo pecado, que estando-se o homem quieto, lhe nasça qualquer desejo de conseguir mais; e este não por adquirir honra no presente, mas a fim de que seja castigado do passado: que são os deuses tanto justos, que cedo ou tarde a nenhum mal deixam impune.

“Ó, diga-me, peço-te, não é tal suprema loucura tornar a muitos pobres para fazer rico a ti somente? Não te parece expressa injustiça queres tu apenas comandar, e como tirano, tolhendo a muitos a possessão de seus reinos? Te pareces que seja permitido em lei de natureza o prejuízo da vida de muitos, para deixares tu tantas memórias ao mundo? Parece talvez a ti conveniente que os Deuses aprovelem o teu apetite desordenado, e condenem o querer e o parecer de todo o mundo? Parece-te justo, talvez, querer com lágrimas de pobres e viúvas contar tuas sanguinárias vitórias? Ó, diga-me por tua fé se te parece conveniente coisa desejar com o sangue dos inocentes conquistar tu ao mundo uma louca fama? Não te parece insensato, que tendo os Deuses repartido o mundo entre todos, o desejes tu roubar e usurpar para ti apenas? Ó Alexandre, Alexandre, não são estas obras de criaturas nascidas entre os homens mortais, mas de fera nascida e criada entre as fúrias infernais; porque não sejamos obrigados a julgar os homens pela sua boa natureza, mas pelas boas ou más obras, que fazem. Na presença dos Deuses reprovado o homem que, aquela pouca idade que vive, procura vivê-la em prejuízo de todos, não por outro motivo além da conquista da fama de valoroso pelos séculos futuros; porque jamais permitirão os Deuses que se goze em paz aquilo que se é conquistado com má guerra.

“Quero de ti saber: qual razão te move a rebelar-te contra o teu senhor Dario, e, depois de tê-lo assassinado, te induziu a tentar [possuir] todo o mundo, não como rei herdeiro, mas como futuro tirano? Porque com propriedade se chama aquele tirano verdadeiro, que fora de razão entra em posse dos bens alheios. Eu não sei o que buscas, se não justiça ou paz ou riqueza ou honras ou repouso, ou seja, o benefício dos amigos ou a vingança sobre os teus inimigos: te juro que nenhuma dessas coisas encontrarás na estrada que segues; pois como pode procurar justiça, se contra razão e justiça tiranizas o mundo? Como poderemos crer que tu buscas paz, zombando de quem se rende a ti e se torna teu tributário? E a quem te resiste, que tratas como inimigo? Como poderemos crer que tu buscas repouso, já que causa escândalo em todo o mundo? Como poderemos crer que buscas clemência, pois que és um carniceiro da fragilidade humana? Como se presumirá que procuras riqueza, pois que não te bastam nem os teus tesouros próprios, nem aqueles que saqueias dos vencidos, nem aquele que te oferecem os vencedores? E como nos persuadirá que buscas vantagens para os teus amigos, se dos velhos amigos tu fizestes inimigos novos? Faça-te entender, Alexandre, que o maior ao menor há de dar doutrina; o menos ao maior obediência; e somente entre os iguais existe a amizade; e porém, dado que tu não encontras igual no mundo, assim não podes esperar amizade no mundo, porque os príncipes com a ingratidão perdem os bons amigos e com a ambição adquirem capitais inimigos. E como poderemos crer, jamais, que tu buscas a vingança sobre teus inimigos, pois que tu por ti mesmo colhes maior vingança, estando eles livres, do que saquearias os teus inimigos, se estivessem aprisionados? Ainda que os perseguidos tivessem sido em outro tempo maltratado pelo teu pai Felipe, e tu, seu filho, agora desobedecido, mais são conselho te seria conquistá-los como amigos, que confirmá-los como inimigos; porque os corações piedosos e generosos, quando de alguém obtém vingança, fazem destes mesmos carnificina.

“Não podemos em verdade dizer que os teus trabalhos sejam bem empregados em adquirir gloriosa fama, pois há a conversação e o viver perverso; porque a verdadeira honra e o verdadeiro louvor não consiste naquilo que dizem os aduladores, mas nas boas obras dos senhores. Não se conquista a honra por ter o séquito dos maus, mas por ter a prática dos bons; porque a muita familiaridade com o mau faz suspeitosa a vida do bom. Não se adquire honra conservando os tesouros para a morte, mas despendendo-o com virtuosa liberalidade em vida; porque é regra provada que o homem, que estima a sua fama muito, há de estimar pouco as suas riquezas; e o homem, que estima pouco o dinheiro, é indício que estima a sua fama muito. Não se obtém honra matando os inocentes, mas destruindo os tiranos, porque toda a harmonia do bom governo dos príncipes consiste em castigar os reis e premiar os bons. Não se consegue fama na torre alheia, mas dando do seu próprio; porque não é outro que mais adorna a majestade do príncipe, que no fazer graça, mostrar a sua grandeza e na torre não mostrar avareza. E de saber, que não aquele, que passa a vida em guerra há no mundo honra; mas aquele que recebe a morte em paz.

“Ó Alexandre, eu te vejo jovem e desejoso de muita honra; agora te faço entender não haver coisa, em que seja mais perigosa a honra; pois que os homens ambiciosos, se não obtêm aquele, que principia para conseguir honra, restam na infâmia; e adquirida esta, que desejavam, não lhe segue honra. Creia-me uma coisa, Alexandre, que a honra, a fim de que seja verdadeira honra, deve-se merecer muito bem merecido; porque toda honra, que se procura com tirania, converte-se em infâmia.

E de ti tenho verdadeiramente compaixão, Alexandre, vendo que és falto de justiça, porque amas a tirania. Vejo que és privo da paz, porque amas a guerra. Vejo que não és rico, porque fizestes o mundo pobre. Vejo que te falta o repouso, porque procuras as fadigas. Vejo que não tens honra, porque vais com infâmia conquistá-la. Vejo faltarem-te os amigos, porque os tornastes inimigos; e vejo que não te vingas dos teus inimigos, porque és tu mesmo o assassino dos teus desejos. E se é assim, por que tu vives nesta vida, pois que te privas dos bens, pelos quais se deve desejar a vida? Certamente o homem, que sem utilidade sua e dano de outros passa a vida, por justiça

merece ser privado da vida, pois não existe coisa mais pestilenta para a república que tolerar homens inúteis.

“E para dizer a verdade (da qual vós príncipes sois muito pobres) eu creio que não por outra [razão] tu conquistas o mundo, para não reconhecer nenhum senhor no mundo, e desejas subtrair a tantos a vida, a fim de que com a sua morte [deles] conquistes fama. Se os príncipes da guerra e cruéis, como tu sois, herdassem as alheias vidas para aumentar a sua vida, como herdaram a alheia coisa para aumentar a sua casa, ainda que não fosse justa, seria tolerável a guerra; mas para que serve que perca hoje o servo a vida, e sejas o senhor da morte marcada para amanhã? Ó Alexandre, é supérflua loucura ou falta de prudência, querer comandar muitos, devendo viver pouco. Os ambiciosos, que medem as suas obras não com os poucos dias que têm para viver, mas com grandes pensamentos, que hão de comandar, a vida passará para eles com trabalhos, e a morte com perigo. O remédio para isto é que o homem sábio e prudente, se não obtiver aquilo que deseja, se contente com aquilo que pode. E saiba, Alexandre, que a perfeição do homem não consiste em ter, em procurar e em conseguir muito; mas em presumir-se não merecer aquilo que possui, ao seu parecer próprio, e merecer muito mais daquilo, que tem no parecer dos outros.

“Nós Garamantes temos por opinião ser indigno de honra aquele que pensa dela ser digno. E por esta razão tu, Alexandre, mereces ser escravo de todos, porque pensas merecer a monarquia de todos. Pelos Deuses imortais te juro, porque tanto te desgosta ser amigo e vassalo do rei Dario; não sei o que pensar de tua prodigalidade no querer a senhoria do mundo; porque mais vale ter a servidão em paz, que a senhoria na guerra. Não me negarás que mais saúde tinhas sendo rei somente da Macedônia, do que agora, que és senhor do mundo; porque os trabalhos excessivos tornam os homens desordenados e inquietos. Nem me negarás que quanto mais tens e mais possuis, tanto mais em ti cresce o desejo de ter e de possuir; pois o coração, que arde nas chamas dos apetites, não se há de aquecer com as lenhas das riquezas, mas sufocar-se com a terra da sepultura. Não me negarás que o muito teu não te pareça pouco, e o pouco alheio não consideres excessivo; que os Deuses deram por penitência, ao coração ambicioso e desejoso, que nem com o pouco, nem com o muito fique contente.

“Não me podes negar igualmente, Alexandre, que se tu ganhastes muito ouro, não tenhas perdido muitos amigos; porque é geral maldição sobre os ricos, que nós amemos a sua riqueza e odiemos as suas pessoas. Não me negarás, igualmente, que se tu tocares bem o pulso ao avaro coração teu, não veja tu nisso, que antes te se esgotará a vida deliciosa, que a avareza maldita; porque se por muito tempo têm a posse do coração os vícios, apenas a morte é bastante para aliviá-lo. Não me negarás, Alexandre, ainda, que tendo tu mais que qualquer outro, sentes menos júbilo que qualquer outro; porque o príncipe, que possui muito, se ocupa por inteiro em defendê-lo; mas o príncipe, que tem pouco, tem muito tempo para gozá-lo. Não me negarás igualmente, que de tudo aquilo, que adquires, sendo senhor, pode somente nos informar o nome; e os outros, sendo vassalos, nos informam todo o necessário; porque os corações incendiados pela avareza de conquistar e de buscar, se divertem no ganhar e no gozar o conquistado, morrem. E não me negarás, que aquilo, que tu ganhaste neste longo conquistar, que fizeste, não seja pouco; e aquele, que perdeu da tua prudência e quietude não seja muito; porque os reinos, que conquistastes, são finitos e os pensamentos, que reunistes sobre o coração teu, são infinitos.

“Faço-te saber uma outra coisa, que é verdadeira, ainda que não queiras crer: que mais pobres sois vós senhores ricos, que os nossos vassalos pobres; que não é rico aquele, que tem mais, que merece, mas aquele que quer ainda menos aquilo que tem; e, portanto, vós príncipes não tens nada, porque sois cheios de tesouros e pobres de bons desejos.

“Ó Alexandre, por tua fé, façamos o acerto, e vejamos qual é o fim de tuas conquistas. Ou tu és homem, ou tu és Deus; se tu és Deus, faça-te imortal e saqueie a coisa e aquilo que temos; porque a compra para sempre da vida não pode ser paga com tesouro. Saiba que não por outro motivo nós não te fizemos guerra, se não por saber que logo se te há de finir a vida; porque ao

fim é tido por louco quem na casa alheia deseja fazer vivenda própria. Pressuponho, portanto, que tu sejas homem; pelos Deuses imortais eu te esconjuro, que tu vivas, caminhes, fales, operes e te contentes como homem, e não desejes mais do que requer o homem, nem desejes mais que homem; nem procures além da conveniência do homem, porque no fim hás de morrer e serás sepultado como homem; e, posto na sepultura, restará de ti memória de homem; porque se serás recordado nos séculos futuros pelos grandes feitos, que fazes, serás igualmente infamado pela crueldade e tirania, que permites. Se nós dizemos não ser homem quem não faz obra de homem, por que não chamaremos a ti animal bruto, não vivendo como homem, mas como fera rapinante? Já te disse que me desagradava ver-te animoso, jovem, e disposto; e agora me agrada ver-te do mundo enganado e, aquilo que mais me dói, é que agora conhecerás o dano, pois desaparecerá o remédio.

“Vós Gregos chamais a nós outros bárbaros, que habitamos esta montanha; e nisto temos prazer, sendo bárbaros nas línguas e os Gregos nos feitos; e não somos como vós, que tendes a linguagem dos Gregos e as obras dos bárbaros, pois não é bárbaro aquele que fala mal e faz bem; mas sim aquele que tem a língua cortante e a vida má. E sendo isto verdadeiro, vou-te declarar quais são as nossas leis e o viver nosso; não te parecerá grande coisa ouvir-nos dizer, mas ver-nos operar; porque infinitos são aqueles que louvam e exaltam as obras de virtude e poucos aqueles que as fazem.

“Nós, Alexandre, temos curta vida, pouca gente, escasso país e breve coisa; pequeno desejo de posses; poucas leis, poucos amigos; não temos inimigos; mas bem entre nós temos fraternidade, boa paz e muito amor; bom repouso e doce contentamento; porque mais vale a quietude da sepultura, que o descontentamento da vida.

“Sete e não mais são as nossas leis, as quais contêm toda a virtude e toda a resistência ao vício. Pela primeira é ordenado que nenhum dos pósteros faça outra lei daquelas que nós lhes deixamos e que a nós foram deixadas; porque as leis e ordenações novas fazem esquecer os bons costumes antigos. A Segunda lei é: que ninguém adore a mais de dois Deuses, um para a vida e outro para a morte; porque mais vale um Deus servido verdadeiramente, que mil servidos com leviandade. A terceira: que todos devem se vestir com um só pano e de um mesmo modo; porque a vaidade no vestir gera loucura e escândalo entre os povos. A Quarta: que nenhuma mulher esteja mais com seu marido quando lhe tiver gerado três filhos, porque a multidão de filhos torna o pai desejoso de coisas, e da ansiedade nasce o vício; e se aquela mulher parir outro filho, deva ser em presença dela e aos Deuses sacrificado. A Quinta: que toda pessoa diga a verdade; e, achada a mentira, mesmo sem ter outro pecado cometido, seja decapitada: porque uma pessoa mentirosa é suficiente para arruinar um povo. A Sexta: que cada um deva herdar igualmente: porque do desejo da coisa nascem grandes invejas e escândalos na república. A última: que nenhuma mulher possa viver mais de quarenta anos e o homem cinqüenta; e se àquela idade chegarem, não possa passá-la, mas sejam aos Deuses sacrificados, porque grande ocasião é ao homem de ser vicioso, sabendo dever viver muitos anos”.

E aqui cala o velho Garamanta, não sem grande estupor dos circunstantes: as quais palavras foram naquele coração magnânimo de Alexandre bem examinadas, ainda que mal observadas; porque o ânimo, que fez o hábito na ambição, não pode ser por qualquer sábio conselho emendado jamais.

Notas

[1] A presente tradução para o Português, assim como as informações biográficas, foram baseadas em Carlo Curcio, *Utopisti Italiani del Cinquecento*, Roma, Colombo Editore, 1944.

[2] O povo dos Garamantes habitava as terras a ocidente da Núbia, atualmente Fezzan, que eram consideradas pelos antigos como as mais afastada da civilização: *extremi Garamantes*, dizia

Virgílio (*Éclogas*, VIII, 44), que os colocava nos limites dos consórcios civis: *Super et Garamantas et Indos Proferet imperium* (Aen., VI, 794). Plínio e Tácito descreviam aqueles habitantes como belicosos e indomáveis (IV) enquanto Lucano (*De bello civ.*, IV, 334) dizia que andavam nus. Dos Garamantes falaram também Heródoto (IV, 183) e Estrabão, que os descrevem como “simples no comer e no vestir” (XVII). Cornélio Balbo em 19 a. C., partindo de Trípoli, chegou ao sul de Garama; e Henry Barth em 1850 reencontrou os restos de construções romanas, as últimas, advertia, que pudessem ser encontradas no centro da África. No século XVI os viajantes que se aventuraram até lá trouxeram notícias mais detalhadas sobre os usos daquela gente, que foram descritas como uma magnífica raça, com mulheres e filhos em comum. Garama é recordada pelos autores árabes com o nome de Gierma. Ainda no século XVIII, como atesta Moreri (*Dict. Histor.*, IV, p.36) se dizia que os Garamantes eram um povo muito humano, com práticas comunistas. Antonio Guevara deve ter se baseado em testemunhos contemporâneos, pelo que se diz em seguida dos Garamantes: os quais não habitavam na Ásia e portanto não estavam no caminho de Alexandre. A imprecisão se funda sobre um equívoco, que Guevara e Róseo aproveitam: a leste do rio Tigre existia de fato uma região cujo nome, Garamea, era parecida com a dos habitantes da África saariana. Mas sabe-se que Alexandre também não passou por esta região. Trata-se, enfim, de construção completamente fantasiosa.